QUAIS AS PERSPECTIVAS PARA O BRASIL EM UM CENÁRIO INTERNACIONAL DESFAVORÁVEL?

Em 2011, a economia mundial não deve crescer. A crise japonesa e a redução da oferta de petróleo fazem com que a projeção de crescimento do Brasil diminua para pouco mais de 3% – a construção será, mais uma vez, um dos setores que sustentarão esse desempenho positivo, com uma expansão de 5%. A despeito das dificuldades, aumentará a importância do País no contexto mundial

Fernando Garcia e Edney Cielici Dias

O FUTURO chegou para o Brasil, afirmou o presidente norte-americano, Barack Obama, no mesmo dia em que, em solo brasileiro, ordenou os ataques da coalizão internacional à Líbia. Esse mítico e sempre prometido futuro chega, portanto, em um mundo em turbulência. Os desafios mundiais mais recentes estão desenhados em pelo menos três campos: i) a crise financeira eclodida em 2008 não foi superada por importantes economias europeias, bem como restam incertezas sobre as medidas reguladoras adotadas para prevenir problemas dessa natureza; em um contexto em que as principais economias mundiais estão apenas convalescentes dos males dos mercados desregulados, dois fatores agravam o quadro internacional: ii) o levante político em países muçulmanos, com o agravamento da situação na Líbia, o que compromete a oferta de petróleo e gás natural; iii) o tsunami que atingiu o Japão, com mais de 10 mil mortes e destruição de cidades e de infraestrutura, e a crise nuclear em decorrência dos danos em usinas atômicas.

Trata-se de graves problemas em curso, portanto sujeitos a grandes incertezas. Feitas essas ressalvas, é possível fazer um avaliação preliminar dos efeitos desse cenário para a economia mundial, para o Brasil e para a construção, tendo como referência um modelo de equilíbrio geral que considera o histórico de cem economias por mais de 60 anos e técnicas de projeção de tendências recentes.

Na ponta do lápis, os efeitos da diminuição do crescimento econômico mundial, em razão do aumento dos preços do petróleo, da crise japonesa e do ajuste interno, farão com que o ritmo de expansão das atividades na economia brasileira em 2011 se reduza de forma expressiva, dos 5% em termos reais esperados em dezembro para pouco mais de 3%.Conforme será detalhado em artigo na página 7, a construção será um dos setores que sustentarão o nível de atividade no País, apesar de também sofrer uma desaceleração em razão das incertezas mundiais, ficando com uma perspectiva de expansão de 5% em 2011.

Este artigo tem como objetivo, para além de relatar os números, explicitar os pressupostos que levaram às projeções, o que implica uma análise mais detida dos fatores condicionantes das estimativas.

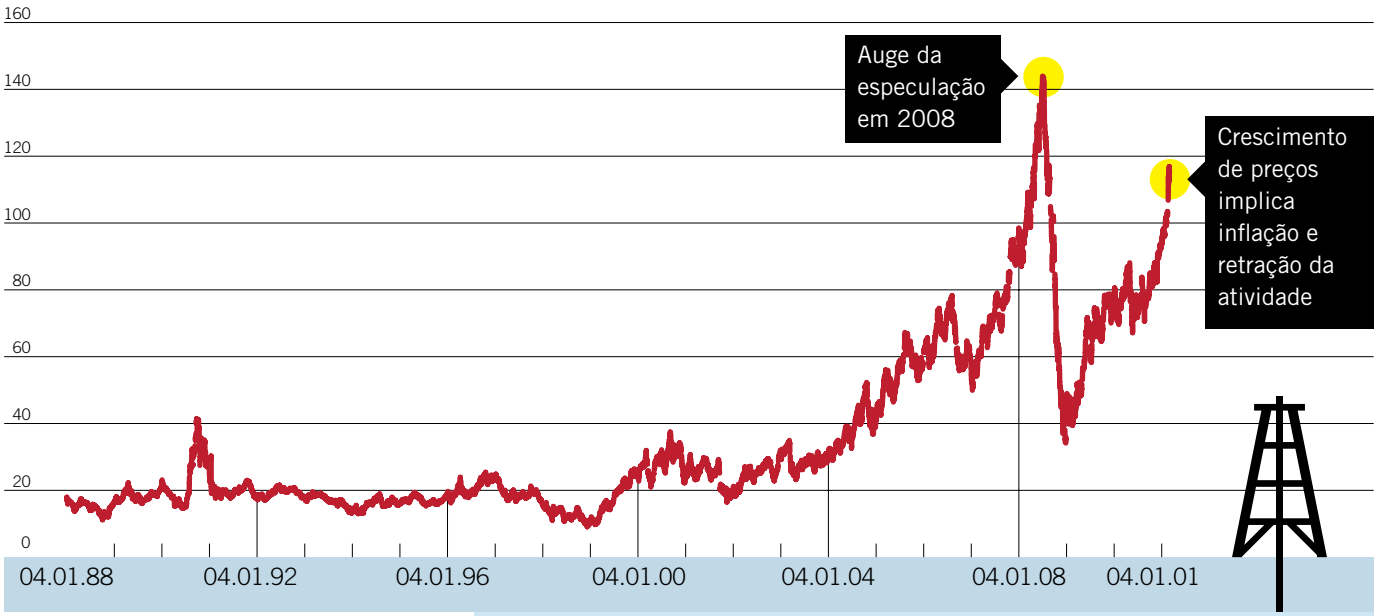
Efeito alta do petróleo

Na montagem do cenário de 2011, a elevação do preço do petróleo aumenta a inflação mundial e reduz o crescimento econômico. Se o preço do petróleo ficar no patamar de US$ 100, espera-se que o crescimento econômico mundial deva ficar 1 ponto percentual abaixo do esperado em 2011. Em razão das incertezas políticas em importantes países exportadores de petróleo, o preço dessa *commodity* voltou a crescer desde o final de 2010. Em março, o barril foi cotado acima de US$ 110 (Brent, FOB), um valor quase 80% acima da média de 2009.

Em período recente, os preços do petróleo têm apresentado grande volatili-

Alta do preço do petróleo ameaça retomada da economia mundial

US$ por barril (Brent, FOB)



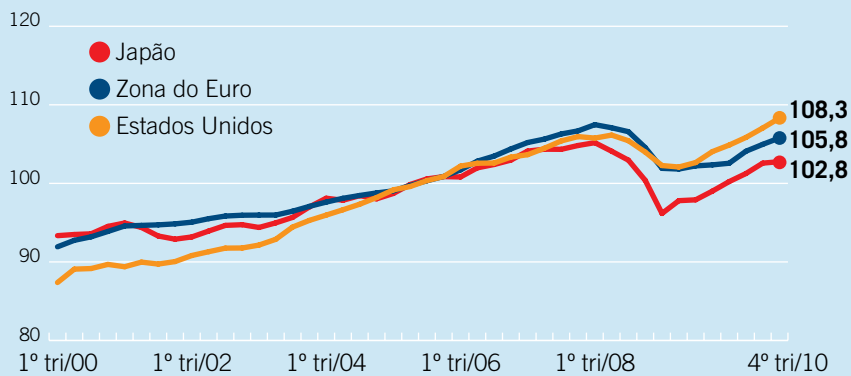
dade. Em julho 2008, o barril chegou a US$ 144, em contexto de alta demanda e com fortes componentes especulativos. A drástica redução de demanda, provocada pela crise financeira mundial, refletiu-se em uma forte retração de preços: o barril caiu a US$ 30. Na média de 2009, o petróleo foi cotado em US$ 62 por barril, um valor significativamente superior ao observado entre 2000 e 2005 (US$ 33 por barril). O patamar de US$ 60 é, no entanto, razoável para o longo prazo, pois viabiliza fontes alternativas de energia e a exploração do pré-sal brasileiro.

O atual patamar de preços não decorre primariamente de um aumento da demanda, como em 2007 e 2008, mas é uma restrição de oferta do óleo líbio. Por isso, a redução do crescimento mundial neste ano, que ocorrerá em razão da crise no Japão e do próprio aumento do preço do petróleo, não deve diminuir de forma intensa o preço do óleo. A pressão nos preços deve continuar por período ainda indefinido, até que a situação política se estabilize.

O Brasil sofre efeito direto de retração de atividade provocada pela alta do petróleo. Porém cabe pontuar que as reservas brasileiras, em contexto de turbulência política em países produtores, ganham importância decisiva. O petróleo nacional representa uma oferta segura, em uma área sem conflito – daí o interesse dos Estados Unidos em

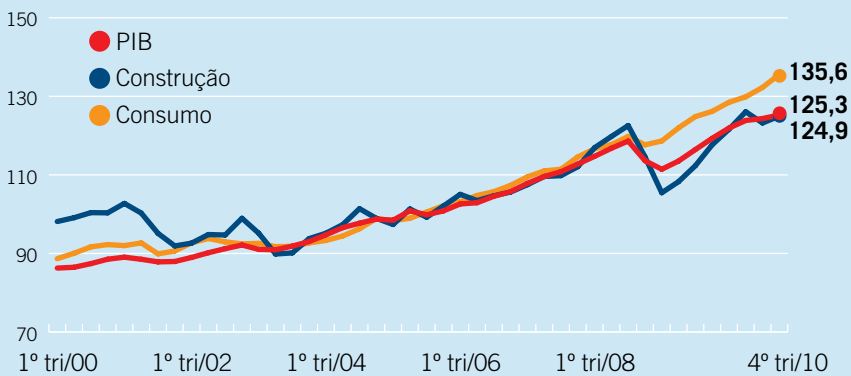
Economias em retomada: EUA, Euro e Japão

PIB dos EUA, dos países da zona do Euro e do Japão - 1º trimestre



Brasil, construção e consumo

PIB da economia brasileira - 1º trimestre (Índice: 2005=100)



comprar antecipadamente parte significativa dessa produção. Paralelamente, fica claro que os níveis médios de preço do petróleo viabilizam fontes alternativas, o que aumentará a demanda por etanol, do qual o Brasil é grande produtor e detentor de tecnologia de produção. Em meio às incertezas, o Brasil se afirma como potência energética emergente – o que é fundamental para seu desenvolvimento.

Fator Japão

Os efeitos econômicos da tragédia japonesa não devem ser subestimados. O terremoto e o tsunami destruíram uma fatia importante do estoque de capital do Japão. Além da perda de edifícios, infraestrutura, máquinas e equipamentos, também foram inutilizados estoques de mercadorias prontas.

A contabilidade das perdas revela a dimensão econômica do desastre. O estoque de capital da economia japonesa somava US$ 17 trilhões antes do terremoto. A cada US$ 100 bilhões de destruição de capital, o estoque se reduz em 0,6%. Os prejuízos estimados estão entre US$ 100 bilhões e US$ 150 bilhões, o que significa uma diminuição de capital entre 0,6% e 0,9%. A destruição de capital terá isoladamente um efeito de redução do PIB japonês entre 0,3% e 0,5% nos próximos 12 meses. A parada de mão de obra causada pela destruição, por sua vez, terá um impacto negativo de 4% a 6%.

Não bastassem esses fatores, a crise nuclear deixou como legado o racionamento de energia. Até a substituição da oferta das usinas inutilizadas, o Japão deve conviver com racionamentos. Mesmo com uma premissa otimista de que rapidamente o racionamento se restrinja à energia que deixa de ser gerada pelas usinas em colapso, a situação é grave. A energia nuclear representa 25% da matriz japonesa de geração elétrica e as usinas em crise somam quase a metade dessa capacidade. Isso significa um racionamento da ordem de 10% por um período de 24 a 36 meses.

Como a capacidade de geração não oferece grandes excedentes, a importação de outras fontes primárias é uma saída limitada. O custo da energia também vai onerar o Japão e prejudicar a atividade econômica. O efeito final é de uma redução de PIB da ordem de 12% a 13% em 12 meses. Isso porque o país tem uma intensidade de uso de energia elétrica muito elevada, da magnitude da intensidade de capital. Um racionamento mais intenso ou uma extensão maior do acidente nuclear podem provocar uma queda ainda maior.

Essa redução de PIB supera a ocorrida com a economia japonesa durante a crise financeira internacional – no primeiro trimestre de 2009, o PIB japonês foi 8,6% menor do que o do primeiro trimestre de 2008. A crise pode ser maior e mais prolongada se a sociedade japonesa responder com uma redução acentuada do consumo, o que tem sido uma característica marcante dos consumidores do país desde a crise bancária e a bolha imobiliária dos anos 90.

O efeito final dos desastres no Japão é uma redução da ordem de 12% a 13% do PIB em 12 meses. A economia japonesa foi responsável por quase 9% do PIB mundial em 2010, assim a redução do PIB japonês terá forte efeito nos negócios em todo o planeta

A economia japonesa foi responsável por quase 9% do PIB mundial em 2010, assim a redução do PIB japonês terá forte efeito sobre o PIB mundial. O Japão foi responsável por 4,3% de todas as importações de mercadorias e serviços no mundo – a redução das importações japonesas ocasionará uma redução da demanda por bens produzidos nos demais países, com efeitos sobre o PIB dessas economias.

Em 2009, o Japão foi responsável por 4,3% das exportações mundiais. A redução da produção japonesa e a destruição de estoques reduzirão a capacidade exportadora do país; em alguns mercados específicos, isso pode ocasionar aumento de preços. Adicionalmente, economia japonesa é exportadora de capitais. A necessidade de fundos para a reconstrução vai esgotar a geração de poupança externa, com efeitos sobre a liquidez internacional e os investimentos diretos em países em desenvolvimento.

Com a soma de todos esses efeitos decorrentes da crise japonesa, estima-se um impacto negativo entre 1,1 e 1,4 ponto percentual na economia mundial.

Crescimento brasileiro

Somando-se os efeitos desaceleradores do aumento do preço do petróleo e da crise japonesa, o crescimento econômico mundial deverá ser nulo em 2011. Projeções de dezembro apontavam um crescimento mundial de 2,1%, mas, na soma dos efeitos, a variação PIB mundial deve ficar entre -0,3% e 0% em 2011, o que comprometerá o crescimento brasileiro. O País irá crescer bem acima da média mundial, mas isso ocorrerá em um ambiente de inflação mais elevada na comparação com 2009, quando foram adotadas fortes políticas anticíclicas para combater a retração de atividades.

Um caminho pelo qual a crise na economia japonesa afetará a economia brasileira são as exportações. Depois da crise de 2008-2009, as exportações brasileiras para o Japão cresceram de forma acentuada. As exportações passaram de um patamar de US$ 360 milhões mensal em 2009 para US$ 660 milhões na média dos primeiro dois meses de 2011. Agora, esse ganho deve desaparecer. Em relação a 2010, o Brasil deve perder cerca de US$ 300 milhões por mês de exportações para o Japão, o que dá uma redução de US$ 2,9 bilhões em 2011, considerado o efeito do excelente crescimento dos dois primeiros meses.

A redução de exportações para o Japão retira R$ 4,9 bilhões da demanda por produtos brasileiros. O efeito disso no PIB é uma redução de 0,33 ponto percentual na taxa de crescimento de 2011. A redução do crescimento econômico mundial e a elevação do preço do petróleo terão seus efeitos na economia brasileira. Esses dois fenômenos devem retirar mais 1,1 ponto percentual do crescimento econômico do Brasil em 2011.

Mas há fatores de política econômica que imprimem uma intensidade maior à retração, representados pelo aumento dos juros e os cortes do orçamento. O aumento dos juros desde meados de 2010 e os cortes no orçamento de 2011 devem ter um de redução de 0,3 ponto percentual na taxa de crescimento – o que é relativamente pouco. Mas o somatório de efeitos, considerando-se a aumento preço do petróleo e a retração japonesa, fará com que o ritmo de expansão das atividades na economia brasileira se reduza de forma expressiva em 2011, para 3,3% em termos reais, contra uma expectativa inicial de 5%.

Respostas às crises

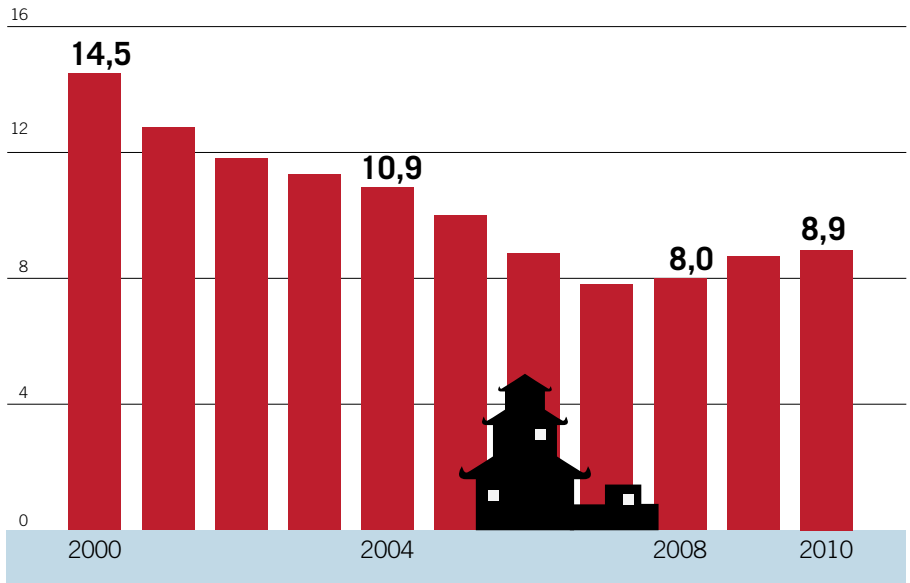
O Brasil destacou-se por ser um dos primeiros países a ultrapassar os efeitos da crise financeira mundial. Isso se deu por meio de políticas anticíclicas adotadas com agilidade e levando em consideração as necessidades dos principais setores produtivos do País. Em outras palavras, o governo foi bem-sucedido na tarefa de concertar com os empresários uma estratégia de combate à retração econômica.

Uma comparação com o atual momento, no entanto, necessita qualificação. Primeiramente, é importante ressaltar que a estratégia de diálogo constante com o empresariado é um sucesso e deve ser aprofundada. Porém, como dito anteriormente, o cenário inflacionário é mais desfavorável hoje do que em 2009. O governo reafirma a necessidade de um aperto fiscal e uma eventual suavização desse ajuste, em razão da redução da demanda mundial, deve ser analisada com cautela, para que não prejudique a estabilidade da economia.

Não parece haver dúvida da necessidade de uma política mais seletiva de cortes de gastos, com análises aprofundadas de prioridades – esse é o caso dos investimentos em infraestrutura e de qualificação de mão de obra, gargalos prementes da economia brasileira. Da parte do setor privado, é importante não perder, em razão das dificuldades conjunturais, o horizonte dos investimentos de médio e longo prazo, pois as perspectivas de crescimento e de oportunidades seguem em alta no País. Em outras palavras, o futuro em dada medida chegou e o grande desafio é saber interpretá-lo em uma perspectiva estratégica.

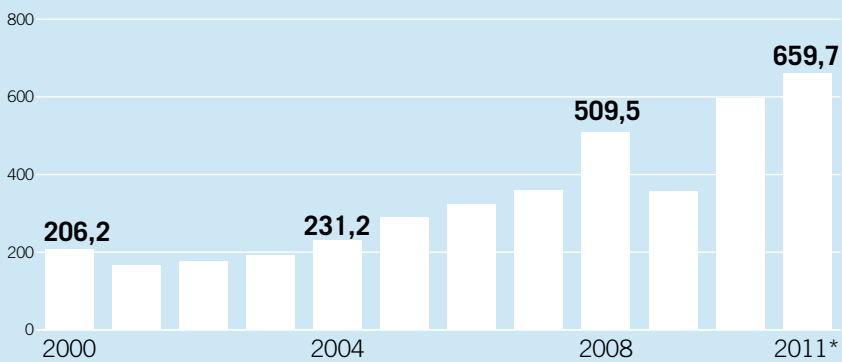
A importância do Japão

O peso do Japão no PIB mundial, em %



Exportações brasileiras para o Japão

Média mensal, em milhões de US$



Matriz energética japonesa

Fontes primárias de geração elétrica, em 2007

